

ESQUIZOANÁLISE DÁ SAMBA?

SCHIZOANALYSIS GIVES SAMBA?

Wesley BARBOSA

Mestre em Filosofia (PPGFIL-UFES). Doutorando em
Filosofia (PPGFIL-UFES) e doutorando em Psicologia
(PPGP-UFF).

E-mail: wesleydejesusbarbosa1980@gmail.com

RESUMO:

O presente artigo pretende definir os sambas enredos como literatura menor. Para isto discutiremos o conceito de rizoma de Deleuze e Guattari, como uma abordagem que facilita as conexões entre os saberes promovendo agenciamentos múltiplos. Em seguida discutiremos o conceito de história a partir da perspectiva genealógica de Foucault, requerendo elevar a história das descontinuidades, vazios e silêncios, como processos esquecidos pela grande história. Este ponto é importante para inscrever os povos negros como promotores de seu próprio discurso histórico e o samba é um veículo para tal ensejo. Por fim, definiremos literatura menor e como os sambas enredos navegam bem dentro do conceito.

PALAVRAS-CHAVES: esquizoanálise, samba, literatura menor, genealogia.

ABSTRACT:

This article intends to define las tramas de las sambas as minor literature. For that, we will discuss the concept of rhizome by Deleuze and Guattari, as an approach that facilitates the connections between knowledges to promote multiple assemblies. Next, we will discuss the concept of history from Foucault's genealogical perspective, demanding to elevate the history of discontinuities, voids and silences, as processes forgotten by great history. This point is important to register black people as promoters of their own historical discourse and samba is a vehicle for such an opportunity. Finally, we will define minor literature and how the samba plots navigate well within the concept.

KEYWORDS: schizoanalysis, samba, minor literature, genealogy.

Introdução

A maior criação de Freud (1856-1939) não deixou de ser objeto de seu desejo como realização de sua pulsão fálica. A psicanálise adquiriu os adeptos mais apaixonados, os propagandistas mais entusiasmados. O sentido de sua verificabilidade enquanto método clínico eficaz não nos é uma questão primordial. A pergunta, nos seus acordes mais altos, é a de se a triangulação edipiana corresponde ao sujeito, ou não seria uma simplificação grosseira.

Trata-se, sem dúvida, de uma maneira de manter os direitos de Édipo no Deus do delírio e no registro esquizo paranoico. É por isso que, a esse respeito, devemos levantar a questão mais geral: o registro do desejo passaria pelos termos edipianos?(DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 27).

De qualquer modo, a psicanálise como discurso, adequa-se ao modelo de funcionamento econômico capitalista liberal. Primeiro porque é um negócio lucrativo, com adesão forte do paciente ao tratamento. Segundo, que se a dinâmica do sujeito resolve-se no ambiente familista do papai-mamãe-filho, o sucesso e a derrota da pessoa se resolve no indivíduo, não na amplitude do todo como engrenagem sociopolítica. Dito isso, não é de se estranhar o vertiginoso sucesso da psicanálise, desde Freud. Suspeitamos de uma amplitude maior de conexões, agenciamentos inumeráveis, incluindo a triangulação edipiana. Édipo é social, pois o incesto é a primeira interdição sócio moral imposta pela castração do descomunal significante fálico, chefe da horda, como objeto de desejo, primeiro e último: o assassinato do pai primevo instaura a primeira lei. O parricídio é outra interdição moral imposta pelo grupo ao grupo. Logo, a mãe lhe é impossível, assim como o assassinato do pai. O que lhe resta é a sociedade como sustentáculo diante do desamparo da dupla castração originária.

As disjunções são as formas da genealogia desejante; mas seria edipiana essa genealogia, inscrever-se-ia na triangulação de Édipo? Ou não seria Édipo uma exigência ou uma consequência da reprodução social, enquanto esta pretende domesticar uma matéria e uma forma genealógicas que lhe escapam por todos os lados?(DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 27).

Mesmo o familismo não constituir-se-ia três agenciamentos, ainda tem os tios, os avós, que com os pais compõe outro Édipo. O Édipo dos avós não é o mesmo dos pais, portanto uma teoria geral do Édipo como a esquadrinhar o complexo a partir de um substrato teórico para todo o ocidente, é impraticável (Édipo não existe, por nenhum método analítico no oriente, nem nas civilizações indígenas e africanas, ou seja, em nenhuma organização social em que a família nuclear não esteja constituída como subjetivada no *modus operandis* daquele *socius*). Assim, preferimos pensar em termos de multiplicidade, ao invés, de unidade. Porém, não rechaçamos o uno como oposição dualista ao múltiplo, apostamos num movimento uno-múltiplo. Este movimento não é dialético, mas composicional, ou seja, quando A como tese se opõe a B como antítese para a formação de C na síntese, continuamos no jogo edipiano. Como colocado provocativamente por Nietzsche (1844-1900) e verificado pela Física Moderna do século XX, o acaso e o caos, assim como a multivetorialidade no campo de forças do universo, nos autoriza a refletir em movimentos de muitas linhas, desde o múltiplo ao uno, simultaneamente. Não como a soma dos uns, mas o uns enquanto tais que só podem ser na relação com os outros uns (Princípio da Incerteza de Werner Heisenberg[1901-1976])¹. As células são iguais e únicas, mas a sua relação com as outras células, e delas com o mundo, as induz a realizar conexões, diferenciando-se em si e entre si, o uno se fez múltiplo.

¹ Ver CAPRA, Fritjof. *O Ponto de Mutação: a Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente*. São Paulo: Cultrix, 2012. e CAPRA, Fritjof. *O Tao da Física: uma Análise dos Paralelos Entre a Física Moderna e Misticismo Oriental*. São Paulo: Cultrix, 1990.

Mas quando o múltiplo for bastante diferenciado, de modo a existir tantas diferenças quanto desacordos, lembraremos do uno que somos enquanto multiplicidade, como animais da espécie humana, e dos acordos que podemos fazer para mesmo nesta diferenciação tão ampla não nos extinguirmos no sectarismo duro da fantasia do um não agenciável.

Foi Maurice Blanchot [1907-2003 – comentário nosso] quem soube, a propósito de uma máquina literária, levantar o problema em todo o seu vigor: como produzir e pensar fragmentos que tenham entre si relações de diferenças enquanto tal, que tenham como relações entre si sua própria diferença, sem referência a uma totalidade original ainda que perdida, nem uma totalidade resultante ainda que vir? (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 62). (BLANCHOT, 1969, p. 451).

O princípio de multiplicidade critica todos os valores transcendentais da metafísica. Sua radicalidade insere-se na urgente construção de uma nova epistemologia, conectada ao mundo, não como colonialismo eurocêntrico e epistemicida, mas como rizoma. Abolir o Um para destruir os dogmas da psiquiatria, da psicanálise, e da própria crítica a esses princípios arvorecentes. O ponto de origem e o fim almejado é o que ambiciona os esquemas unitaristas e fáceis.

Os fios da marionete, considerados como rizoma ou multiplicidade, não remetem à vontade suposta una de um artista ou de um operador, mas à multiplicidade das fibras nervosas que formam por sua vez uma outra marionete seguindo outras dimensões conectadas às primeiras. (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 23).

O exercício diário, desde Nietzsche, é buscar uma forma de pensamento que não seja reducionista e unívoca. Mas, acredito, ainda mais importante, que não seja uma elaboração ressentida como se no momento que o pensamento caísse na unidade, mesmo uma unidade conectada e múltipla, e por que não, uma unidade Una, a devolutiva da razão não fosse transvalorativa, mas fosse mais uma vez punitiva, culpabilizadora, outorgando ao herege a cealuma do inferno ou do *cancelamento*. Se somos uma multiplicidade rizomática, educados há dois mil anos nesta cultura ocidental, estamos condenados a sucumbirmos no absoluto das ideias, inclusive quando no campo do múltiplo identificamos o uno e o atacamos como padres medievais. De novo, o maniqueísmo.

Princípio de multiplicidade: é somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo. As multiplicidades são rizomáticas e denunciam as pseudomultiplicidades arborescentes. (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 23).

Multiplicidade, rizoma, genealogia, ao invés, de história, ou história como literatura, filosofia como arte de conceituar, conceitos que não sejam normas rígidas, mas uma estratégia, sempre provisória, de fixar uma fagulha do real para um interpretar. Todos esses conceitos ficam mais evidentes quando usados nas artes, especialmente, a literatura, que pretendemos analisar. E se Deleuze (1925-1995) e Guattari (1930-1992), muitas vezes, referem-se a Proust (1871-1922) ou Kafka (1883-1924), como exemplos ilustrativos de uma literatura menor, optaremos por demonstrar como a poesia de sambas

enredos é uma literatura menor. E, além disso, mostrar como o carnaval de escolas de samba do Rio de Janeiro, requer um estudo genealógico, já que funciona como ferramenta de luta e libertação dos povos pretos do Brasil.

Genealogia e História

A cilada em que se enfiaram os historiadores não é condenável, mas o resultado de uma modernidade e o seu jogo semântico sobre o mundo. “Essa história dos historiadores constrói um ponto de apoio fora do tempo; ela pretende tudo julgar segundo uma objetividade apocalíptica; mas é que ela supôs uma verdade eterna, uma alma que não morre, uma consciência sempre idêntica a si mesma.” (FOUCAULT, 2004, p. 51). Foucault (1926-1984) sugere uma *Arqueologia do Saber*, capaz de romper com essas pretensões megalomaniacas de gênese, linearidade, sentido, como se a história da humanidade fosse um conjunto coeso de fatos. “Ora, a descrição arqueológica é precisamente abandono da história das ideias, recusa sistemática de seus postulados e de seus procedimentos, tentativa de fazer uma história inteiramente diferente daquilo que os homens disseram.” (FOUCAULT, 2013, p. 169). Enquanto a história busca as continuidades a todo custo, a arqueologia reivindica as descontinuidades, os não ditos, o desconexo, os suportes de coisa nenhuma, os abandonados da história. Porque nas continuidades, além do esforço de contenção da angústia de um sentido originário faltante, há uma fabricação discursiva para um modo de funcionamento hegemônico. A história não é uma trivialidade apolítica, ela está a serviço da construção política dos Estados. Portanto, esta coesão factual dos acontecimentos é um recurso harmonizador de legitimação do poder estabelecido. A arqueologia segue por outras veredas.

Ela [história das ideias] se encarrega de encontrar, em um nível mais ou menos profundo, um princípio de coesão que organiza o discurso e lhe restitui uma unidade oculta. (FOUCAULT, 2013, p. 183).

A honestidade da arqueologia é levantar dos escombros de guerra da história e suas disputas entre os Estados e os donos do poder, a impossibilidade de uma coerência tão fecunda, de assumir nossas limitações, tanto cognitivas quanto hermenêuticos epistemológicos, diante da complexidade, multiplicidade e diversidade do real. “Não se deve mais procurar o ponto de origem absoluta, ou de revolução total, a partir do qual tudo se organiza, tudo se torna possível e necessário, tudo se extingue para recomeçar.” (FOUCAULT, 2013, p. 178). A ordenação do mundo é artificial. As noções de antes e depois são operações cerebrais do animal humano, realizadas como recursos de orientação, assim como a linguagem e todas as operações intelectuais. Porém, não existe nada nas coisas que a conecte às palavras, assim como não existe um antes primordial para um depois necessário. Talvez, fosse mais confortável para todos modificar o sentido conectivo tão duro, que damos às palavras e às coisas, às causas e aos efeitos, para uma noção de agenciamento, tornando essas conexões biunívocas, conexões múltiplas. “A

ordem arqueológica não é nem a das sistematicidades, nem a das sucessões cronológicas.” (FOUCAULT, 2013, p. 181). A contribuição de Deleuze e Guattari não é fortuita, ao atribuir à sua análise, o rizoma, a história deixa de ser responsável por uma mecânica coerente de sobreposição dos fatos, aliás, ao invés, de fatos, interpretação, ou acontecimentos. Assim como exime o ofício historiográfico da culpa judaico-cristã da incoerência como próprio da história e do fazer histórico.

Tomando as contradições como objetos a ser descritos, a análise arqueológica não tenta descobrir em seu lugar uma forma ou uma temática comuns, e sim determinar a medida e a forma de sua variação. Em relação a uma história das ideias que desejaria fundir as contradições na unidade semioturna de uma figura global, ou transmutá-las em um princípio geral, abstrato e uniforme de interpretação ou de explicação, a arqueologia descreve os diferentes *espaços de dissensão*. (FOUCAULT, 2013, p. 187).

Os sem história reivindicam sua assunção às etéreas nuvens da imortalidade, das continuidades lógicas e políticas, não para endossar o poder do Estado, mas para corroer de suas entranhas a falácia de seu discurso moral. Esses silenciados anunciam ao historiador que seus deuses são falsos e usam da genealogia para restaurar dos escombros da guerra das raças o seu grito de glória e liberdade. A liberdade dos povos negros escravizados no Brasil não foi resultado da assinatura de uma lei por uma pessoa da corte imperial, como uma benesse destes excelsos senhores de uma nobreza colossal, ela é resultado da luta cotidiana das pessoas escravizadas, das revoltas, dos ritos religiosos, de modo que em algum momento se tornou insustentável manter a escravidão como modelo de exploração econômica, assim como inadequado em termos humanitários a um ocidente marcado pelos ideais iluministas.

É precisamente a história, a contra-história que nasce com a narrativa da luta das raças, vai falar do lado da sombra, a partir dessa sombra. Ela vai ser o discurso daqueles que não tem a glória, ou daqueles que a perderam e se encontram agora, por uns tempos talvez, mas por muito tempo decerto, na obscuridade e no silêncio.(FOUCAULT, 2010, p. 59).

Elaborar um discurso histórico como genealogia é fazer memória da Revolta dos Malés² como ato de (re)existência, por exemplo. Descrever exaustivamente os acontecimentos, a sua origem Islâmica, a manutenção dos rituais e orações, assim como o conhecimento da escrita e da leitura, habilidade necessária à leitura do Corão. Não só isto, mas também perguntar-se sobre o porquê muitas das fontes consultadas sobre o tema, ou são documentos da polícia ou da justiça, e/ou os documentos pessoais estavam em posse das autoridades. O combate ao racismo passa pela construção de um discurso sobre

²Revolta protagonizada por pessoas escravizadas em Salvador no ano de 1835. Herdeiros das etnias Haussás, Tapa, Jeje e Nagô, constituíam um grupo detentor de repertório cultural, muitos deles sabiam ler e escrever, além de serem convertidos ao islamismo. O domínio dos códigos linguísticos, portanto, não era trivial. A insurreição, deu-se no contexto do Período Regencial, de flagrante instabilidade política no Brasil, já que com a abdicação ao trono por D. Pedro I e a impossibilidade legal de Pedro de Alcântara assumir o trono, a nação viu-se diante da necessidade de discutir o sentido da Independência do Brasil em 1822. E um dos pontos mais estranhos no processo de independência é a indiferença do monarca com relação a libertação das pessoas em condição de escravidão. Neste sentido, se as revoltas Brasil à fora reivindicavam a República, o sufrágio, a independência econômica, a Revolta dos Malês lutava pela liberdade das pessoas escravizadas no Brasil. Em sintonia com o resto do país tinha caráter separatista, já que uma monarquia jamais garantiria a liberdade de pessoas que eles, os nobres, sequer consideravam humanas.

a luta dos povos escravizados, enquanto agentes da história. Numa formulação intelectual do ocorrido, é possível devolver a humanidade, violentamente extirpada desta gente, pelo escravizador europeu cristão católico e protestante. Mas estas vozes há séculos caladas não entoarão o seu canto por benevolência da branquitude, mais uma vez é pela luta da ocupação do lugar sagrado dos que escrevem e louvam a sua história.

Isso faz com que esse discurso - diferentemente do canto ininterrupto pelo qual o poder se perpetuava, se fortalecia, ao mostrar sua antiguidade e sua genealogia - vá ser uma tomada de palavra irruptiva, um apelo: “Não temos, atrás de nós, continuidade; não temos, atrás de nós, a grande e gloriosa genealogia em que a lei e o poder se mostram em sua força e em seu brilho. Saímos da sombra, não tínhamos direitos e não tínhamos glória, e é precisamente por isso que tomamos a palavra e começamos a contar nossa história. (FOUCAULT, 2010, p. 59).

O método genealógico combate a história, no intuito de desmascarar as suas falsificações intencionais. Realizando este procedimento, o genealogista purifica a história do seu conservadorismo latente transformando-a em arma a serviço do povo. “É um método de denúncia perpétua daquele que foi o mal na história. Não se trata da história gloriosa do poder; e a história de seus submundos, de suas maldades, de suas traições.”(FOUCAULT, 2010, p. 113). Mas como o nome história, em si, já carrega todo o peso das arbitrariedades e violências, talvez fosse o caso de abandonarmos este nome para fazer uso de um outro, mais livre e autêntico. Para enquanto genealogia, fazermos da História, literatura, literatura menor. Não porque seu esforço seja de levantar mundos de ficção, mas porque o mundo, toda vez que captado por nós, é sempre incompleto e descontínuo, a escrita sobre ele é uma invenção do autor, um discurso, não a verdade. Se assim concordarmos, ao invés, de sermos tão técnicos e acadêmicos, poderíamos ser mais poetas e político revolucionários no nosso dissertar.

[...] como se as palavras tivessem guardado seu sentido, os desejos sua direção, as ideias sua lógica; como se esse mundo de coisas ditas e queridas não tivesse conhecido invasões, lutas, rapinas, disfarces, astúcias. (FOUCAULT, 2004, p. 37).

Uma outra escrita de uma outra forma de fazer pesquisa, demorando-se nos agenciamentos, não para encontrar a coesão infalível, mas olhar poeticamente o aleatório, o acaso, porque as lutas não são feitas com toda a premeditação que os marxistas teleológicos auspiciavam.

Daí, para a genealogia, um indispensável demorar-se: marcar a singularidade dos acontecimentos, longe de toda finalidade monótona; espreitá-los lá onde menos se os esperava e naquilo que é tido como não possuindo história - os sentimentos, o amor, a consciência, os instintos;[...] (FOUCAULT, 2004, p. 37).

O samba é um modo de compor história. Tanto por ter uma história quanto por contar a história da África, do tráfico de pessoas em condição de escravidão no Período Colonial Brasileiro, de marcar as grandes revoltas, assim como o cotidiano de resistência e luta pela liberdade. A história oficial silencia esses dizeres dos povos pretos brasileiros. Contudo, o próprio ambiente cultural da periferia carioca e brasileira, traz à tona esse descontínuo, esses não ditos, esses movimentos rebeldes. Contando suas

histórias às crianças se instaura uma tradição oral que garante o sentido heroico da luta empoderando as pessoas fazendo-as se sentir pertencente a uma comunidade em luta.

De uma parte, um novo sujeito que fala: alguém diferente que vai tomar a palavra na história, que vai contar a história; alguém diferente vai dizer “eu” e “nós” quando narrar a história; alguém diferente vai fazer o relato de sua própria história; alguém diferente vai reorientar o passado, os acontecimentos, os direitos, as injustiças, as derrotas e as vitórias, em torno de si mesmo e de seu próprio destino.(FOUCAULT, 2010, p. 112).

A genealogia como procedimento político da arqueologia funciona, não para negar a história, mas para promover agenciamentos múltiplos que convoquem o historiador e dissertar sobre as discontinuidades, os vazios, os silenciados da história. Neste sentido, a história não é neutra, ela serviu aos interesses do Estado, assim como pode servir aos interesses dos excluídos como discurso político. Com a genealogia, a história maior transfigura-se numa história menor, não porque seja pequena, mas porque, agencia-se a outros processos de acontecimentalização, repercutindo as lutas dos oprimidos.

Literatura menor

O triângulo edipiano é muito pouco para uma literatura menor, para o samba. Porque o indivíduo, coletiviza-se, se lança no todo, é o todo. Os conflitos familiares não são domésticos, compõe-se de nuances do político, da sociedade. Em *O Processo* de Kafka (1883-1924) existe uma burocracia que massacra K. como pessoa, ele perdeu-se de si para ser o próprio processo.

A terceira característica é que tudo toma um valor coletivo. Com efeito, precisamente porque os talentos não abundam numa literatura menor, as condições de uma enunciação individuada não são dadas, que seria a de um tal ou qual ‘mestre’, e poderia ser separada da enunciação coletiva.(DELEUZE; GUATTARI, 2021, p. 37).

O samba reverbera uma esperança, um desejo de ser de outro modo, porque há um lirismo triste por trás da torrente musical, que enuncia o cotidiano violento, a cidade agitada com seu transporte público ineficiente, a violência policial, a falta de escolas e creches, o racismo. Os compositores, interpretes, passistas, carnavalescos, compõe uma coesão do samba como multiplicidade social. Por isto a entrega àquilo. Não se dimensiona um projeto qualquer, é muito grande, imenso, histórico, coletivo: se deve respeito a honra de Tia Ciata (1854-1924) e Donga(1889-1974), a velha guarda, a todos os seus antepassados, que mesmo sobre a alcunha da mais lancinante dor, não deixaram de usar qualquer recurso que fosse para gritar por liberdade: o samba é um pouco disso.

A literatura menor é completamente diferente: seu espaço exíguo faz que cada caso individual seja imediatamente ligado à política. O caso individual torna-se, então, tanto mais necessário, indispensável, aumentado ao microscópio, quanto uma outra história se agite nela. É nesse sentido que o triângulo familiar conecta-se aos outros triângulos, comerciais, econômicos, burocráticos, jurídicos, que determinam os valores deles.(DELEUZE; GUATTARI, 2021, p. 36).

A literatura menor tem três eixos, todos eles, facilmente encontrados na literatura de sambas enredos: tudo é político, tudo é coletivo e fazer uso de uma língua menor numa língua maior. Até a diminuição eufemística que o cânone literário atribui a literatura preta de periferia é um atributo da menoridade da poesia do samba, mas também do *rap* e do *funk*, já que o racismo incorpora a poesia e os guardiões daquilo que se pode chamar de poesia ou não. O samba e o *rap* até se tornaram palatáveis como modinha *cult*, entre os arautos senhores do castelo de vidro da MPB e da literatura brasileira, mas o *funk* ainda sofre duros ataques, até o de improbidade artística. “As três características da literatura menor são a desterritorialização da língua, a ligação do individual no imediato político, o agenciamento coletivo de enunciação.”(DELEUZE; GUATTARI, 2021, p. 39). A periferia brasileira tem a sua própria língua, que não é portuguesa, mas também não é africana. É um dialeto que porta o significado da história como genealogia, de séculos de escravização, de Omolu, Xangô, Iemanjá, mas de Jesus Cristo como pentecostalismo intolerante, tendo de suportar o outro como diferença pujante, que trabalha como costureira no barracão da escola. “Vem ver, vem ver a bateria arrepiar/ Xirê, Sapucaí vai tremer/ Pra Fatumbi Ojuobá[...]”(UNIÃO DA ILHA DO GOVERNADOR, 1998)³ Essa música poema do cotidiano, avacalha a língua maior, a literatura maior, Olavo de Bilac (1865-1918) só é um nome frouxo na memória do povo: Paulo da Portela (1901-1949) é um ícone imortal.

Mesmo aquele que tem a infelicidade de nascer num país de uma grande literatura deve escrever em sua língua como um judeu tcheco escreve em alemão, ou como um uzbeque escreve em russo. [...] E, para isso, achar seu próprio ponto de subdesenvolvimento, seu próprio dialeto, seu próprio terceiro mundo, seu próprio deserto (DELEUZE; GUATTARI, 2021, p. 39).

Os imigrados vivem numa língua que não é a deles. A Europa da época de *O Anti-Édipo* e a de agora vivem o mesmo drama dos refugiados de guerra, da fome, das doenças. Estes muitos existem numa língua maior o silêncio do desprezo, da xenofobia, do desamparo. Mas esses imigrados são africanos, continente espoliado pelos europeus. As pessoas escravizadas na África e trazidas para o Brasil viviam numa outra língua, desumanizadas, açoitadas, punidas. As línguas das pessoas sequestradas na África eram muitas e no Brasil obedeciam a uma importância menor, porém é com elas que eles se comunicavam, sem ser entendidos, que professavam suas religiões, organizavam suas rebeliões.

Quantas pessoas hoje vivem em uma língua que não é a sua? Ou então não conhecem mesmo mais a sua, ou não ainda, e conhecem mal a língua maior de que são forçados a se servir? Problema dos imigrados, e sobretudo de seus filhos. Problema das minorias. Problema de uma literatura menor, mas também para nós todos: como arrancar de sua própria língua uma literatura menor, capaz de escavar a linguagem, e de fazê-la escoar seguindo uma linha revolucionária sóbria? (DELEUZE; GUATTARI, 2021, p. 39).

³UNIÃO DA ILHA DO GOVERNADOR. *Fatumbi Ilha de Todos Os Santos*. Composição: Almir Da Ilha / Marcio André / Mauricio 100. Rio de Janeiro: 1998. Ouvir in: <https://www.youtube.com/watch?v=htZAXgWW2vY>

A ambivalência dualista é moderna, numa literatura menor se agencia conexões em que os saberes não estejam dissociados como oposição ou negação. Podem ser desmontados num movimento de desterritorialização, mas não separados como a perpetuá-los numa desconexão absoluta. Dois polos não estão separados por um abismo, mas por um entre, que como ponte junta o múltiplo. Sujeito e objeto se co-pertencem numa relação, não dualista e sectária, mas necessária, no sentido de o ser de um, só ser possível, enquanto constituído em ser do outro. O sujeito sozinho como uma razão autossuficiente é idealismo rarefeito. Objeto, em si mesmo, existente no mundo como uma realidade factual em quaisquer contingências ou contextos, e sem o homem, é um materialismo sem alma.

[...] viver e escrever, a arte e a vida, só se opõe do ponto de vista de uma literatura maior. Kafka, mesmo morrendo, é atravessado por um fluxo de vida invencível, que lhe vem tanto de suas cartas, de suas novelas, de seus romances, quanto de seu inacabamento mútuo por razões diferentes, e comunicantes, intercambiáveis. (DELEUZE; GUATTARI, 2021, p. 77).

A literatura maior avança sobre as representações sociais com um movimento de conciliação, no sentido de que pode fazer uso dos modos de subjetivação consolidados no ocidente para incorporar na narrativa sonhos, esperanças, ambições, acríticas à ordem dada, almejando interesses comerciais: mesmo aí existem linhas de fuga. A literatura menor desfaz alguns agenciamentos, propõe outros contornos e, principalmente, talvez, desmascara o niilismo da obra maior, restaurando a força política e material das artes literárias. O grande romance cria ficções para anestesiar a dor político-social do real dado, o romance menor procura incorporar linhas rebeldes de subversão política. “[...] Kafka se propõe a extrair das representações sociais os agenciamentos de enunciação, e os agenciamentos maquínicos, e de desmontar esses agenciamentos.” (DELEUZE; GUATTARI, 2021, p. 86). Neste sentido, a partir de agora, nos dedicaremos a analisar trechos de alguns sambas enredos para verificar se sua proposta artística serve como literatura menor. Importante salientar que a literatura de carnaval é musicalizada, logo é de imensa importância ler o texto como música, ouvindo a música. O procedimento analítico consistirá na inflexão no texto sambístico com os recursos: falar numa língua estrangeira, tudo é político, tudo é coletivo e ser um estrangeiro na sua própria língua. Estas categorias deleuziano-guattarianas não são rígidas, nem correspondem a uma verdade sobre o texto, assim como o enquadramento do poema em qualquer uma delas, não limita a música àquela ou esta, mas está obrigatoriamente implicada uma na outra como devir.

O desfile das escolas é uma procissão de adoração as divindades do Candomblé, em si uma religião estrangeira num ambiente inóspito como o Brasil de católicos e protestantes fundamentalistas. As religiões de terreiro tem ainda um outro elemento fundamental na formação do samba, a musicalidade dos tambores. A música disseminada pela elite branca, em geral, era a música erudita europeia com aqueles instrumentos característicos. O tambor traduz-se, na concepção racista naturalista do século XIX, não em instrumento musical dos povos civilizados, mas alguma coisa de bárbaro, desorganizado, primitivo. Quando o samba se expressa, o faz, mesmo hoje, numa língua estrangeira, já que o colonizador

atribui uma indeterminação estética no canto africano lhes desumanizando enquanto impotentes artisticamente. O samba enredo *Tambor* da escola de samba Salgueiro de 2009 homenageia estes milenares instrumentos, fundamentais tanto a religiosidade preta brasileira quanto ao samba.

Vem no tambor da Academia
Que a furiosa bateria vai te arrepiar
Repique, tamborim, surdo, caixa e pandeiro
Salve os mestres do Salgueiro(2x)

O som do meu tambor ecoa, ecoa pelo ar
E faz o meu coração com emoção pulsar
Invade a alma, alucina
É vida, força e vibração
Vai, meu Salgueiro, Salgueiro
Esquentando o couro da paixão(SALGUEIRO, 2009) 4

Os tambores estruturam as culturas africanas, dando ritmo, o ritmo da guerra, da vida, da natureza. Da conexão cósmica com o universo, com os deuses. Símbolo do poder e da arte, feito pelos artesãos mais delicados e sensíveis, sendo o couro retirado de animais sacrificados às divindades, curtidos com uma determinada técnica, esticado no cilindro do instrumento de um jeito específico, assim como a madeira é de uma árvore característica com um tratamento especial, conhecimento sigiloso e sagrado dos artesãos, transmitido de pai pra filho. O uso brasileiro do instrumento dá o tom de uma ancestralidade milenar, uma cultura antiga, eloquente, complexa. “Ressouo da natureza/ Primitiva comunicação/ Da África, dos nossos ancestrais/ Dos deuses nos toques, rituais/ Nas civilizações, cultura/ Arte, mito, crença e cura”(SALGUEIRO, 2009)⁵ A profissão de fé candomblecista sofria perseguição do Estado e muitas vezes era realizada fora dos centros de aglomeração para se realizar os procedimentos litúrgicos com amor e sem importunação policial. Contudo, as festas de santo, principalmente no Rio, na região da Praça Onze, apesar da perseguição, eram frequentadas por todo tipo de gente, ao som implacável dos tambores(o povo de santo fazia alguns acordos políticos com os homens do poder, a polícia, por exemplo, para conseguir alguma paz, às vezes, conheciam alguém que conseguiria manter uma trégua para o período das festas.) Com gente dançando, montado no santo e curiosos a procura de diversão ou excentricidades. E o som contagia, envolve, toma o corpo como a requebrá-lo involuntariamente, um sopro que enfeitiça o ouvinte que, inevitavelmente se mexe. Do *Miudinbo* ao passo do samba propriamente dito há agenciamentos acontecendo, conexões texto - música, música – dança, corpo – fala, alegria – festa. De um modo, genuinamente, brasileiro, a multiplicidade sambística da Praça Onze do início do século XX, em ampla conectividade com diversas outras multiplicidades, assumia um momento de condensação como um *pathos* dionisíaco.

Tem batuque, tem magia, tem axé
O poder que contagia quem tem fé
Na ginga do corpo emana alegria
Desperta toda energia(2x)

⁴SALGUEIRO. *Tambor*. Composição: Tatiana Leite, Paulo Shell, Moisés Santiago, Leandro Costa. São Gonçalo: 2009. Ouça in: <https://www.youtube.com/watch?v=O6KIDAqg-GA>

⁵SALGUEIRO. *Tambor*. Composição: Tatiana Leite, Paulo Shell, Moisés Santiago, Leandro Costa. São Gonçalo: 2009. Ouça in: <https://www.youtube.com/watch?v=O6KIDAqg-GA>

No folclore, a herança
 No canto, na dança, é festa, é popular
 Seu ritmo encanta, envolve, levanta
 E o povo quer dançar(SALGUEIRO, 2009)⁶

Para finalizar, esse som, que “é som de preto, de favelado/ Mas quando toca ninguém fica parado (tu tá ligado)”(MILCKA; CHOCOLATE, 2005)⁷, em si mesmo resistência cultural, que toma a favela de lado a lado, traduz-se também como elemento de transformação social, de projetos de cidadania e pertencimento dos muitos habitantes de comunidades, as quais o Estado é ausente em termos educacionais e de intervenção cultural. O samba e a cultura dos tambores introduz a criança periférica num universo cultural amplo e multifacetado formando-a como pessoa conectada a uma ancestralidade africana e brasileira em contextos bem específicos. E, portanto, este estrangeiro recebe dos mestres de bateria a linguagem que o reconecta ao mundo, sem a perversidade do racismo e a violência da miséria social. Nesta língua estrangeira, menor, se subverte a língua maior como a deixá-la confusa sobre sua semântica e sintaxe: os tambores não falam, eles zumbem.

É de lata, é da comunidade
 Batidas que fascinam
 Esperança social, transforma, ensina
 Ao mundo, o meu toque especial é show
 É show, é samba, é carnaval(SALGUEIRO, 2009)⁸

O racismo deslegitima a cultura afro-brasileira. Apesar do uso espetacular da produção cultural pelo mercado fonográfico. O samba agora tem dimensões planetárias e a Secretaria de Cultura do Rio sabe disso. Se o samba ganhou notoriedade como a se desviar da injúria racial, como quando da época em que andar com um cavaquinho poderia incorrer em detenção do indivíduo, o *funk*, ainda, permanece, na linha de mira. O respeito a cultura do morro parece não poder ser exercida de forma generalizada, algo resvala na lama desqualificadora do racismo estrutural. O *funk* com sua batida eletrônica não se afasta deveras da cultura dos tambores. Em *Batuk* da Império da Tijuca de 2014, o estrangeirismo desta língua, traz, novamente, a multiplicidade, a complexidade, a importância cultural dos instrumentos de percussão para o desenvolvimento e afirmação da cultura preta brasileira. “Na ginga do corpo/Na batida do pé, axé, axé!/Eleva a alma, o canto e a dança/Unindo as raças na fé e na esperança (BIS)”(IMPÉRIO DA TIJUCA, 2014)⁹ O toque místico e mítico que integra os mundos, os deuses. A religião não se separa, tão nitidamente como no catolicismo, do profano. A fé e as festas estão imbricadas num acontecimento que as fortalece enquanto relacionadas, isto porque a moral é mais complexa que, sagrado e profano, Céu e inferno, porque um é o bem e o outro o mal. As festas não são más, ao contrário, aos oferecê-las aos santos

⁶SALGUEIRO. *Tambor*. Composição: Tatiana Leite, Paulo Shell, Moisés Santiago, Leandro Costa. São Gonçalo: 2009. Ouça in: <https://www.youtube.com/watch?v=O6KIDAqg-GA>

⁷MILCKA; CHOCOLATE. *Som de Preto*. Rio de Janeiro: 2005. <https://www.youtube.com/watch?v=Z4aai7Bj2NY>

⁸SALGUEIRO. *Tambor*. Composição: Tatiana Leite, Paulo Shell, Moisés Santiago, Leandro Costa. São Gonçalo: 2009. Ouça in: <https://www.youtube.com/watch?v=O6KIDAqg-GA>

⁹IMPÉRIO DA TIJUCA. *Batuk*. Composição: Alexandre Alegria, Karine Santos, Marcio André, Rono Maia, Tatá, Vaguinho. Rio de Janeiro: 2014. Ouça in: https://www.youtube.com/watch?v=iOa_bjhavE0

confraternizam com eles a alegria de existir, de sorrir, de sambar. Enquanto no cristianismo a festa tem relação com o prazer e o pecado, nas religiões de matriz africana tem relação com entrega devocional como prazer.

Vai tremer, o chão vai tremer
É nó na madeira, segura que eu quero ver
Coisa de pele, batuk ancestral
Lá vem a Sinfonia Imperial

Bateu mais forte o coração
Tocou, senti a vibração
Da África, ressoou
A batucada que se espalha nesse chão
Lua clareia na aldeia, celebração
É dom de comunicação
Em cada cultura entoa rituais
Cura em devoção, magia dos sinais
É festa é kizomba, no toque pra Zumbi
Firma o ponto na gira não deixa cair (IMPÉRIO DA TIJUCA, 2014) 10

Numa toada mais político social, segue a São Clemente no carnaval de 1988 com o seu *Quem avisa amigo é*. Crítica ambiental denunciando a extinção das espécies, o genocídio dos povos indígenas, assim como a absurda história de escravização da população negra. “Negro sofreu com a escravidão (bis)/ Sonhava chegar o dia da libertação”. (SÃO CLEMENTE, 1988)¹¹ Este ano é importantíssimo para o Brasil, ano de promulgação da Constituição Cidadã, que marca a abertura política para a democracia depois de décadas de violência, perseguições, assassinatos e cerceamentos das liberdades civis. A Carta Magna carrega na sua constituinte a reivindicação das mais variadas demandas dos mais diversificados grupos cidadãos. Pela primeira vez na História do Brasil se fez uma legislação efetivamente democrática. Contudo, se o texto trata das liberdades de todos os tipos, a prática do povo e dos agentes promotores e asseguradores da lei, não correspondem efetivamente e em plenitude com o texto legal, pois o peso de uma história republicana autoritária não se desvencilha assim tão rapidamente.

Desponta na avenida “nova mente”
Mais uma vez vou cantar com altivez
Ora, tenha a santa paciência
Por que tanta violência
Nosso mundo está sofrendo
A fauna e a flora em extinção
Ainda temos esperança
De encontrar a solução
Nosso índio perde a terra
E é massacrado (SÃO CLEMENTE, 1988) 12

¹⁰IMPÉRIO DA TIJUCA. *Batuk*. Composição: Alexandre Alegria, Karine Santos, Marcio André, Rono Maia, Tatá, Vaguinho. Rio de Janeiro: 2014. Ouça in: https://www.youtube.com/watch?v=iOa_bjhavE0

¹¹SÃO CLEMENTE. *Quem avisa amigo é*. Composição: Chocolate, Helinho 107, Izaías De Paula. Rio de Janeiro: 1988. Ouça in: <https://www.youtube.com/watch?v=99vHr7gmYGY>

¹²SÃO CLEMENTE. *Quem avisa amigo é*. Composição: Chocolate, Helinho 107, Izaías De Paula. Rio de Janeiro: 1988. Ouça in: <https://www.youtube.com/watch?v=99vHr7gmYGY>

No ensejo das lutas sociais e a constituinte como palco de disputa da nova lei, as mulheres, nunca ausentes nos processos de luta, assumem no confronto, o direito a voz, ao corpo, a igualdade por movimentos equitativos. A cena que 1988 traz é a do protagonismo das mulheres como promotoras de sua própria história. “(Oh, mulher...)/Mulher, lute pelos seus direitos/O tabu da virgindade/Já foi desfeito/Crianças encantadas com ‘He-Man’/Desconhecem as maldades/Que em nossa terra tem”.(SÃO CLEMENTE, 1988) 13 Curioso como algumas coisas permanecem no desenvolvimento da história com uma intransigente persistência: a fome, a violência policial e, bem mais recentemente, o retorno da inflação¹⁴. Todo o tipo de violência e, agora, também, a inflação a corroer o poder de compra do trabalhador, que trabalha cada vez mais e come cada vez menos.

O Nordeste tão sofrido e sem amparo
Cidade grande, a polícia e o ladrão
Se defendem contra o monstro da inflação
(Liberdade...)
Liberdade

Quero mudar o meu canal pra outro mundo
Onde não existe guerra
Nem tampouco marajás
E a paz se faz reinar(SÃO CLEMENTE, 1988) 15

O coletivo sócio-histórico dispõe-se na literatura menor com uma ressonância intensificante. E, nos sambas enredos, em especial, esse coletivo pulula como alegria dançante, mas também como entrelaçadas linhas de um passado que as marcam como tais. O samba é sempre uma produção desejante coletiva, pois é a mais evidente multiplicidade encarnada em música. A bateria, os carros alegóricos, as alas, as confecções das fantasias, a construção do desfile como um todo, são todos elementos construídos coletivamente. Há participação das comunidades, envolvimento, entrega. É algo tão grandioso que seria impossível a sua realização como algo individualizado. Mas o texto poético, em geral, também uma construção coletiva, traz em seu conteúdo elementos coletivos do passado de escravização e de luta pela liberdade, como já acima apontado. A Viradouro em 2020 veio com o samba *Viradouro de Alma Lavada*, um exemplo desta literatura em que tudo está jogado no coletivo.

Primeiramente é importantíssimo salientar a musicalidade deste samba. Há uma leveza, ao mesmo tempo que uma intensidade lírica com um certo saudosismo de uma história de luta, parece que a música tenta nos transportar para a lagoa de Itapuã. Uma cantoria que rememora as lavadeiras de Itapuã cantando enquanto realizam o seu trabalho, que aqui tem o objetivo da compra da alforria. “Ó, mãe! Ensaboa,

¹³SÃO CLEMENTE. *Quem avisa amigo é*. Composição: Chocolate, Helinho 107, Izaías De Paula. Rio de Janeiro: 1988. Ouça in: <https://www.youtube.com/watch?v=99vHr7gmYGY>

¹⁴O texto foi escrito no auge da administração Bolsonaro com o seu Ministro da Economia, Paulo Guedes.

¹⁵SÃO CLEMENTE. *Quem avisa amigo é*. Composição: Chocolate, Helinho 107, Izaías De Paula. Rio de Janeiro: 1988. Ouça in: <https://www.youtube.com/watch?v=99vHr7gmYGY>

mãe!/Ensaboa, pra depois quarar(2x)”.(VIRADOURO, 2020)¹⁶ As mulheres lavavam roupa para juntar dinheiro para comprar a alforria, se enquadrando na lógica do sistema, a compra da liberdade também era um recurso. Alguns poderiam pontuar o viés individualista desta saída, ao invés, de uma saída revolucionária que por uma rebelião generalizada libertasse todas as pessoas escravizadas. A compra da alforria não constituía uma saída menor e menos nobre, talvez isto seja mais uma interpretação de determinadas tendências a esquerda, brancas e nunca oprimidas pela escravidão. De qualquer modo, o trabalho de compra da alforria de um fortalecia o trabalho para a compra da liberdade do outro num labor de muitas mãos objetivando uma lealdade de irmanados pelo sangue, pela história e por todos os santos. Além deste trabalho de lavar, o samba lembra a venda de doces de tabuleiros como outro recurso para captar dinheiro por estas mulheres.

Levanta, preta, que o Sol tá na janela
 Leva a gamela pro xaréu do pescador
 A alforria se conquista com o ganho
 E o balaio é do tamanho do suor do seu amor
 Mainha, esses velhos areais
 Onde nossas ancestrais acordavam as manhãs
 Pra luta sentem cheiro de angelim
 E a doçura do quindim
 Da bica de Itapuã(VIRADOURO, 2020) 17

Com canto e dança, “Xangô ilumina a caminhada/A falange está formada/Um coral cheio de amor/Kaô, o axé vem da Bahia/Nessa negra cantoria/Que Maria ensinou”(VIRADOURO, 2020)¹⁸, as ganhadeiras realizavam seu trabalho com alegria para fazer justiça. Ganhavam a clientela marcando sua identidade como mulher negra do candomblé devidamente paramentadas. Uma prática de resistência que não poderia ser questionada pelos donos do poder como algo irregular ou ilegal. O que faziam era legitimamente legal e, o mais interessante, requeriam do discusso liberal burguês a alcunha do seu fazer, ou seja, ganhavam dinheiro e não precisavam dar satisfação a quem quer que fosse sobre os numerários do comércio, assim como que fins teriam aquelas taxas de lucro. Um grito de luta feminista e negra!

Camará ganhou a cidade
 O erê herdou liberdade
 Canto das Marias, baixa do dendê
 Chama a freguesia pro batuquejê(2x)

São elas, dos anjos e das marés
 Crioulas do balangandã, ô iaiá

¹⁶ VIRADOURO. *Viradouro de Alma lavada*. Composição: Anderson Lemos, Carlinhos Fionda, Cláudio Russo, Dadinho, Diego Nicolau, Julio Alves, Manolo, Paulo César Feital, Rildo Seixas. Niterói: 2020. Ouça in: <https://www.youtube.com/watch?v=jBG-SqIxg8M>

¹⁷ VIRADOURO. *Viradouro de Alma lavada*. Composição: Anderson Lemos, Carlinhos Fionda, Cláudio Russo, Dadinho, Diego Nicolau, Julio Alves, Manolo, Paulo César Feital, Rildo Seixas. Niterói: 2020. Ouça in: <https://www.youtube.com/watch?v=jBG-SqIxg8M>

¹⁸ VIRADOURO. *Viradouro de Alma lavada*. Composição: Anderson Lemos, Carlinhos Fionda, Cláudio Russo, Dadinho, Diego Nicolau, Julio Alves, Manolo, Paulo César Feital, Rildo Seixas. Niterói: 2020. Ouça in: <https://www.youtube.com/watch?v=jBG-SqIxg8M>

Ciranda de roda, na beira do mar
Ganhadeira que benze, vai pro terreiro sambar
Nas escadas da fé
É a voz da mulher!(VIRADOURO, 2020) 19

Assim, se tudo é político, é político-social. Essa divisão para definir uma literatura menor é, apenas esquemática, pois os conceitos se inter-relacionam. O real é mais complexo que a aparelhagem conceitual de uma teoria ou filosofia. Portanto, os sambas estudados, falados numa língua estrangeira e/ou políticos, também são sociais, pertencem a uma coletividade marcada e determinada historicamente.

Considerações finais

Utilizamos dos conceitos da filosofia da diferença de Deleuze e Guattari para definir literatura menor, assim como seus apontamentos sobre multiplicidade e crítica a uma modernidade dualista. Buscamos ainda Foucault para dar um outro sentido à história a partir de suas discussões, primeiro sobre uma *Arqueologia do Saber* e, depois, uma genealogia da história. Isto porque pretendíamos verificar pela leitura audição de alguns sambas enredos, se o seu conteúdo inscreve-se na literatura brasileira como literatura menor. Já que o cânone, talvez tenha alguma dificuldade de assimilar o samba como arte poética.

Acreditamos ter alcançado nosso objetivo principal. Mas o estudo merece uma dedicação mais robusta num tipo de texto que comporte uma escrita mais demorada e longa. Com isso se conseguiria ler os atributos de uma literatura menor e associá-los a um número de sambas maior dando maior consistência ao argumento.

Bibliographical References

Blanchot, Maurice. *L'Entretien infini*. Paris: Gallimard, 1969.

Deleuze, Gilles; Guattari, Félix (2011a). *O anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34.

Deleuze, Gilles; Guattari, Félix(2021). *Kafka: por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica.

Foucault, Michel(2012). *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

Foucault, Michel(2010). *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo: WMF Martins Fontes.

¹⁹ VIRADOURO. *Viradouro de Alma lavada*. Composição: Anderson Lemos, Carlinhos Fionda, Cláudio Russo, Dadinho, Diego Nicolau, Julio Alves, Manolo, Paulo César Feital, Rildo Seixas. Niterói: 2020. Ouça in: <https://www.youtube.com/watch?v=jBG-SqIxx8M>

ESQUIZOANÁLISE DÁ SAMBA?. EK24010

Foucault, Michel(2004). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal.

Foucault, Michel(1993). *Vigiar e punir*. história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes.

Guattari, Felix; Rolnik, Suely(1996).*Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Vozes: Petrópolis.

Kafka, Franz(2002). Investigações de um cão. In: *Narrativas do espólio*. São Paulo: Companhia das Letras.



BARBOSA, Wesley. ESQUIZOANÁLISE DÁ SAMBA?. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.20, n.1, 2024, eK24010, p. 01-18.

Recebido: 11/2023

Aprovado: 02/2024